

Sarney, fez

# Rodopio Delirante - 6 JAN 1994

Há uma antiga lei da física que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Transferida para a política, a máxima adverte que dois candidatos não podem ocupar a mesma legenda. E é exatamente este o pesadelo que há quinze dias vem tirando o sono do ex-vice-presidente José Sarney. Depois de tomar carona em candidatura alheia para chegar à presidência, o senador está perplexo com a dificuldade em conquistar uma legenda que aceite ladear seu nome em 1994.

Há quinze dias, Sarney anunciou confiante que estava de saída do PMDB, na certeza de que choveriam legendas para patrocinar sua candidatura. Não demorou muito para se dar conta de que o Brasil pode ser pródigo em partidos, mas para ele há partidos de menos. Trata-se de verdadeiro fenômeno: basta chegar o senador, levando debaixo do braço as pesquisas de opinião encomendadas que lhe viraram a cabeça; e os partidos somem como por encanto. Cada um já tem candidato natural.

O senador não cabe em si de perplexidade. Como é que ninguém quer apostar num cavalo de corridas

que há até pouco parecia barbada? Nos seus delírios de grandeza já se via eleito, e por isto se fez de surdo a conselhos de amigos próximos que o advertiam a não abandonar o PMDB: Sarney estava fascinado pela mosca azul das pesquisas encomendadas.

Agora, depois de quinze dias de peregrinação inútil, volta perplexo a disputar espaço no PMDB, partido que sofre da síndrome de ter caciques demais para poucos índios. Pobre Sarney. Como explicar à opinião pública esse vaivém inexplicável, esse rodopio em torno de si mesmo? Sentou-se abatido à mesa e redigiu uma nota, lida solenemente por seu filho em sessão do Congresso. Em apenas dez linhas, Sarney garantia ter recebido convites do PTB e do PP e acrescentava que, se algum dia saísse do PMDB, certamente iria para um dos dois.

Ninguém do PTB e do PP assumiu o convite e nem apareceu para desmentir a nota. Todos fingiram que acreditaram e ficou por isto mesmo. Resta agora ao ex-vice-presidente tornar-se outra vez candidato a vice e sonhar que a história se repita. Não como farsa, mas como tragédia.

JORNAL DO BRASIL